

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

04

M. Elizete M. Silva
M. Elizete M. Silva
Coord. GSA
C. S. I. FUNAI
FUNAI

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	_____
Cod.	F2D00034

O ALCOOLISMO EM COMUNIDADES INDÍGENAS
- Causas, conseqüências, e uma proposta de ação preventiva -

Paula Elisabeth Ruth Ebling
Antropóloga da 13a.DR/FUNAI

Julho de 1984

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende contribuir para uma maior compreensão do mito da bebida alcoólica. Cada grupo cultural desenvolve suas próprias ocasiões para beber e os limites e as funções da bebida em seu meio, os quais se combinam em diferentes estilos de vida, compondo o pano de fundo dos tempos contemporâneos. Contrariamente aos exageros atribuídos ao mito da bebida alcoólica, o ato de beber está estruturado dentro de status sociais bem definidos e das correspondentes expectativas em torno do desempenho de papéis. O comportamento / grupal varia de acordo com a estrutura e as circunstâncias contidas / nos princípios de conduta e costumes dos grupos em cujos contextos esse comportamento é manifestado. Há costumes e papéis bem definidos / por sanções que são aplicadas pelo grupo; esses regulam os episódios de ingestão da bebida.

Na sociedade global colocam-se expectativas de comportamento nitidamente distintas para os grupos que a compõem. A atual frequência da violência física em qualquer grupo étnico é pequena se comparada com o potencial criado pela tensão inerente aos fenômenos das urbanizações e das frentes de expansão. As comunidades indígenas são particularmente afetadas por esses fatores e essa tensão, o que contribui para a crescente incidência do alcoolismo em seus meios.

Entretanto, o que definimos como comportamento desviante, em relação à ingestão de bebida alcoólica pode ser pouco relevante / para populações indígenas cuja experiência cultural com o uso do álcool contrasta grandemente com os padrões da nossa sociedade estratificada em classes. Portanto, um programa destinado especificamente / para os índios precisa estar informado sobre as circunstâncias em que o comportamento do beber é considerado um "problema" na comunidade em

questão, e como o "índio-problema": a) aceita o rótulo de ser alguém que tem o problema da bebida; e, b) procura ajuda para manejar com o seu nível de consumo de bebida que é considerado intolerável pelo seu grupo. Faz-se, portanto, necessária uma sondagem do encaixe cultural do conceito de "bebedor-problema" para se chegar aos indicadores da existência de comportamentos relacionados à bebida que são considerados socialmente desviantes pelo grupo.

O que parece faltar aos grupos indígenas para a sua compreensão sobre o beber exagerado são os efeitos físicos do abuso do álcool no corpo humano. Poucos índios identificam ou conhecem a relação do uso exagerado do álcool com a cirrose hepática, a hipertensão, as doenças isquêmicas do coração, os acidentes de trânsito, homicídios e suicídios, embora sendo os índices de mortalidade devidos a esses fenômenos relacionados com o álcool, entre os índios, proporcionalmente muito mais elevados do que a média nacional.

As implicações políticas dos argumentos aqui colocados são de que intervenções educativas podem ser incorporadas às ações assistenciais nas comunidades indígenas no sentido de:

- a) preencher a falta de conhecimento sobre os efeitos do álcool sobre o organismo humano;
- b) prevenir a incidência do alcoolismo através de esforços conjugados em todas as áreas de atuação, com destaque ao campo da educação, no sentido de que a ação pedagógica estimule a auto-estima e a auto-imagem da identidade indígena a partir de seus valores culturais.

A identificação das definições que os índios dão para o problema da ingestão de bebida alcoólica pode ser um instrumento muito útil para os agentes interessados em desenvolver programas de recuperação em comunidades indígenas.

Por outro lado, o enfoque do alcoolismo ou dos problemas

com o álcool como um conceito culturalmente relativo, permite uma atitude mais empática por parte dos "conselheiros" para com a sua clientela, e favorece um intercâmbio significativo de experiências e novos conhecimentos. A informação daí resultante poderá facilmente ser disseminada a diversos programas de recuperação do alcoolismo entre indígenas e incorporados ao corpo de conhecimento sobre o alcoolismo indígena e às condições necessárias à recuperação do índio alcoolista.

I - Aspectos sócio-culturais do alcoolismo - uma abordagem antropológica

Não há grupo cultural que desconheça a bebida alcoólica. A origem das relações entre o álcool, o ser humano e a sociedade se perde no tempo. Acredita-se que, possivelmente e por acaso, o homem pré-histórico descobriu que a fermentação de frutas ou de grãos de cereais produzia uma bebida capaz de desencadear sensações e emoções que só podiam ser entendidas como ligadas a algum fator sobrenatural ou divino.

Essa relação que se estabeleceu não é difícil de ser compreendida se considerarmos que, à medida em que descemos na série das civilizações - sendo esta palavra "descemos" tomada no sentido mais amplo espaço-temporal - constatamos a maior predominância do mundo sagrado sobre o mundo profano, o qual, nas sociedades "menos evoluídas" engloba praticamente tudo devido a íntima relação dessas sociedades com a natureza que, por sua vez, estabelecia os critérios de regularidade da vida social.

A regularidade da vida social encontrava sua explicação no fato de o homem e a sua vontade não serem livres mas submetidos a certas leis; a liberdade humana não residia numa sonhada independência às leis naturais, mas na consciência dessas leis e na possibilidade de projetá-las racionalmente para determinados fins; isto é, a liberdade do homem era uma liberdade dialética, real, em colaboração

com a natureza.

Assim, era a consciência dessa dependência das leis naturais que determinava as regras, os modos e as formas de convivência - o espaço social - às quais o homem procurou, no desenrolar da sua História, por meio de mitos e ritos, conferir um significado estreitando os elos entre os opostos - o sagrado e o profano, o ser e o não-ser,

A origem divina atribuída aos efeitos do álcool fez com que essa bebida passasse a integrar aquelas situações simbólicas do processo em que os opostos se constituíam uns aos outros e eram mutuamente indispensáveis - os ritos. Diante dos efeitos psicotrópicos do álcool este manteve sua ligação com os deuses passando a fazer parte dos rituais solenes de quase todas as formas religiosas conhecidas, seja nas manifestações utilizadas para explicar fenômenos além da compreensão racional imediata dos antigos - como o ciclo do dia e da noite, da vida e da morte -; seja como maneira de colocar o crente mais facilmente em contato com os deuses, seja como a representação, a corporificação do próprio Deus - como ocorre nos dias de hoje na hora da Consagração da Missa Romana, da Santa Ceia dos protestantes, da cerimônia do shabat entre os judeus, e do recebimento de certos orixás do candomblé e da umbanda.

Pode-se dizer que o álcool se "temporalizou", mas o caráter "sagrado" do álcool era tão forte que este passou a ser considerado, na maioria das sociedades, como coisa boa, alimento, remédio, lenitivo. E, mesmo sem vínculo religioso, o álcool mantém sua função ritual nas sociedades contemporâneas: toda comemoração familiar, política, festas, casamentos, nascimentos, bons negócios, etc., incluem o ritual da bebida.

Esses elementos deram origem a uma série de estudos sócio-antropológicos sobre o uso humano do álcool, descritos por Bertolote, e que apontam uma série de constatações das quais selecionamos algumas para o objetivo deste trabalho:

1. A ingestão de bebidas alcoólicas é um fato predominantemente soci-

al. O bebedor isolado é raro e, na maioria das vezes, ele é um indivíduo desviado das normas da sua cultura. As ocasiões de ingestão de bebidas alcoólicas funcionam como expressão e apoio à estrutura social existente, estimulando interações sociais e fortalecendo identificações e solidariedades coletivas.

2. As normas que regulam a ingestão de bebida e o comportamento dela decorrente, estão inseridos na própria estrutura social do grupo. Quanto mais coesa a cultura, mais claras são as normas; quanto mais estruturado o grupo, menor será a ambivalência em relação ao álcool e menor, portanto, a frequência e a gravidade dos episódios de embriaguez. No sentido sociedade "simples" → sociedade "complexa", essas normas se afrouxam e a ingestão passa a ser cada vez mais problemática, na proporção direta do grau de "complexidade" (e de ambivalência) do grupo. Isto é válido tanto para a evolução histórica dos grupos como dos indivíduos. Os membros de sociedades claramente normativas, seja em termos étnico-culturais, seja em termos religiosos, ao se deslocarem para, ou entrarem em contato com ambientes diferentes dos de sua origem, são expostos a este mesmo tipo de ambivalência, colocando-se em posição de risco em relação a formas patológicas de ingestão de álcool.

3. As normas acima mencionadas, os conceitos de embriaguez, de ingestão anormal ou patológica e sua etiologia dependem, em grau extremo, da cultura, com importantes implicações na definição de alcoolismo e na escolha de técnicas de intervenção terapêutica.

4. Em sociedades estratificadas por classe os padrões de ingestão são diferentes para as classes: nas classes altas há grande tolerância à ingestão, porém franca desaprovação de comportamentos agressivos, verbais ou físicos; nas classes médias há menor tolerância à ingestão do álcool com evidente desaprovação da embriaguez e suas consequências; nas classes mais baixas não há restrições nem à ingestão, nem à embriaguez, nem à agressividade que a acompanha.

5. A explicação de por que em certas sociedades alguns de seus membros se tornam alcoolistas ou bebedores-problema e outros não, é vista como função de fatores sócio-culturais: a) a função exercida pelo álcool ao nível individual (de redução da tensão e da ansiedade); b) a existência ou não de formas alternativas de redução e de ansiedade; e, c) maior ou menor disponibilidade de bebidas alcoólicas. Entretanto, do ponto de vista sociológico, fica difícil entender a existência de bebedores-problema num dado grupo sem se considerar com relevância: a) o significado cultural da ingestão de álcool; b) as exigências de desempenho de papéis sociais; e, c) a existência ou não de modos de adaptação alternativos.
6. Com relação à organização familiar do alcoolista, além do impacto negativo do alcoolismo nos cônjuges e nos filhos, ocorre frequentemente uma reestruturação familiar, com o desenvolvimento de novos papéis antes desempenhados pelo alcoolista.
7. No que se refere ao trabalho, a tendência é no sentido de deterioração da produção do alcoolista, tendência esta paralela a uma história natural da evolução do alcoolismo.
8. Quanto aos comportamentos desviantes, como o suicídio e o crime, a maior ocorrência desses fenômenos entre alcoolistas tem sido explicada, basicamente, em termos da estrutura da sociedade e do grupo social a que pertencem os alcoolistas.
9. No que concerne às medidas criadas pelas sociedades para restringir o alcoolismo, nenhuma se revelou de alcance significativo. As tentativas governamentais, através da criação de leis, do estabelecimento de proibições e de taxações têm tido resultados praticamente infrutíferos. A eficácia maior parece provir de movimentos sociais autóctones das comunidades que identificam e querem combater o problema. Esses movimentos oferecem um obstáculo: eles exigem um desempenho que é culturalmente condicionado, requerendo adequação técnica, identidade de aspirações e profundo envolvimento da comunidade com os programas propostos.

II - O índio e o álcool - Por quê os índios bebem?

Uma pergunta frequente, inquietante e desafiadora para aqueles que se preocupam com a problemática indígena é "por quê os índios bebem?"

A literatura existente muitas vezes coloca aspectos históricos ao examinar fatores causais. Ela geralmente nos diz que o álcool era desconhecido para os índios até que foi introduzido pelos europeus; e que, como as sociedades indígenas não estavam preparadas para lidar com o álcool e a sua resultante intoxicação, as consequências foram devastadoras.

Vários pesquisadores acharam significativo o fato de não terem existido leis tribais para punir as pessoas que cometessem crimes enquanto embriagadas. Ao longo de toda a literatura se descrevem os índios como "culpados" por perdoarem certos comportamentos destruidores quando sob a influência do álcool, o que nos permite afirmar que essa ambigüidade quanto a como a comunidade deveria reagir nos episódios de embriaguez é um ponto-chave histórico relevante nas atitudes contemporâneas, cuja origem possivelmente resida no caráter sobrenatural ou divino originalmente atribuído aos efeitos do álcool.

Embora difícil, é importante investigar os fatores psicoculturais que predispõem os índios a beber. Entre os índios norte-americanos (não dispomos de dados nacionais), após o contato com o branco, foram identificadas seis situações de uso do álcool:

1. O álcool era usado para se divertirem, e a "bebedeira" derivada do álcool incorporava-se às festividades indígenas;
2. Usava-se o álcool para mostrar generosidade, distribuindo-o fartamente em festas comemorativas, como por exemplo, após uma boa colheita ou caça, um trabalho de mutirão, ou recebimento de salário;
3. Era usado para aumentar o poder espiritual. Como o delírio alcoólico incorporava comportamento selvagem e incontrolável, era considerado como um sinal de que o bebedor estava em contato com o sobrenatural. Além disso, o álcool dava aos índios o sentimento de potência do qual careciam

nas relações com a sociedade prevalecente.

4. Os índios bebiam "para serem como o homem branco"; entretanto, as hostilidades que os índios nutriam contra o homem branco se mantinham em primeiro plano. Às vezes a bebida ajudava a aliviar a tensão entre índios e brancos.

5. Os índios bebiam para irritar o homem branco.

6. Os índios bebiam para fugir à realidade.

Algumas funções positivas do uso do álcool pelos índios americanos foram constatadas: a primeira consistia na mútua partilha da bebida; a segunda, em praticar a intoxicação como uma experiência sobrenatural que tinha significado semelhante a sonhos relevantes; e a terceira, que a embriaguez tinha certa utilidade na superação da dificuldade de manter relacionamentos pessoais com os brancos.

No que se refere a fatores psicossociais, a embriaguez do índio representava uma ameaça freqüente: os índios que bebiam em excesso pareciam estar lidando com sentimentos de raiva, frustração e impotência devidos à falta de autonomia e controle sobre suas próprias vidas.

Em suma, parecem existir duas razões sócio-culturais principais para a ingestão de bebida alcoólica pelo índio: a tristeza pela perda da tradição histórica; e a reação às tensões da aculturação, inclusive a necessidade de integração e identificação com a sociedade prevalecente.

Um aspecto que tem sido negligenciado na literatura existente é quais as causas que os próprios índios apontam para a excessiva ingestão de bebida alcoólica entre eles. No conhecido livro "Enterrem meu coração na curva do rio", os autores colocam que os índios viam na bebida uma expressão de rebeldia à proibição, ou seja, constantemente advertidos contra a bebida pelos administradores das reservas, eles bebiam como forma de desafio ou provocação, procurando afirmar a sua autonomia perante o branco. Também, muitos índios jovens cresciam com a idéia de que beber significava ser índio e vice-versa. Em contrapartida, pouca divulgação se fazia do fato de que a maioria dos grandes chefes indígenas do passado - Tecumseh, Cavalo Doido, Touro Sentado, etc. - eram con

crários à bebida alcoólica.

Uma terceira razão para beber, apontada pelos índios americanos, é o tédio. No passado, antes da instalação das reservas, os índios passavam a maior parte do tempo buscando a própria subsistência e participando de cerimônias religiosas, danças e guerras. Nas reservas, onde as cerimônias e as danças foram proibidas, sem nada para caçar e sem lugar para trabalhar, o tédio se tornou o problema principal, levando os índios a consumirem o tempo ocioso na bebida.

A repressão cultural é outra causa apontada pelos autores de "Enterrem meu coração na curva do rio" para explicar a disseminação da bebida alcoólica entre os índios americanos: a maioria das culturas indígenas ensinava às pessoas, especialmente os homens, a controlarem seus sentimentos e a esconderem suas emoções. O beber tornou-se agradável e útil, principalmente depois da dominação pela sociedade branca, porque facilitava a expressão dos sentimentos.

Por último, os índios acreditavam que o beber se relacionava com a desesperança. Essa idéia transparece na afirmação de um índio Sioux que disse: "Quando você não tem trabalho, não tem dinheiro, e sua casa é um abrigo imundo, você tem razões suficientes para querer se embriagar."

O índio procurava, inicialmente, fazer boa impressão face seu correspondente branco mostrando e demonstrando, em toda a sua pujança e orgulho, o conjunto da própria essência de sua formação indígena - o feixe emocionalmente impregnado de idéias sócio-culturais resultantes da sua própria experiência e da de seus ancestrais com o homem branco, desenvolvendo hostilidade contra esse opressor branco, raiva das discriminações manifestas e ocultas, frustrações devidas aos conflitos de identidade, vergonha moral de seu povo, desespero pelo desaparecimento do modo de vida indígena e... pela "água de fogo" do homem branco.

Todos esses sentimentos se desencadeiam quando se pergunta aos índios em geral por quê eles bebem, impossibilitando uma resposta única. Duas outras circunstâncias de beber colocadas pelos índios é que eles bebem para provar que não são como o branco; e que eles bebem com

outras pessoas para provar que são aceitas por elas.

Também se supõe que os índios bebem para confirmar uma profecia auto-imposta, isto é, "se o branco me chama de índio bêbedo, eu serei um índio bêbedo".

III - O abuso do álcool entre os índios

Uma grande variedade de fatores afeta os hábitos de beber nas comunidades indígenas - desde o clima, a introdução forçada de tecnologia moderna, a dramática urbanização junto às suas reservas, maior tempo ocioso, etc., que substituíram um estilo de vida voltado para a subsistência.

E, para completar essas maciças mudanças sociais e culturais, implantaram-se escolas e outros serviços assistenciais nas comunidades indígenas que colaboraram - consciente ou inconscientemente - para a desestruturação da vida comunitária e, conseqüentemente, do equilíbrio social e psíquico de seus membros. O aumento populacional, combinado com a ruptura dos controles sociais e dos laços familiares, as terras que progressivamente fornecem cada vez menos alimento natural, a necessidade de bens manufaturados e ajuda técnica que cresce à uma razão desproporcionalmente acelerada, problemas sociais originados pela frustração, ociosidade e empobrecimento, são fatos observáveis, reais, em praticamente todas as comunidades indígenas de todos os países. Assim, a única alternativa para canalizar a tensão gerada por essa situação é a embriaguez.

Os grupos étnicos indígenas geralmente se caracterizam pela família extensa, pela permissividade geral com as crianças, pela determinação de manter a essência da identificação com sua cultura e seus valores, e pela consciência da afinidade com o seu meio ambiente natural, o seu habitat. Entretanto, o modo de vida de subsistência tradicional não se sustenta mais na natureza, os sucessos não dependem mais dos esforços conjuntos, do mutirão; as leis tribais explícitas ou implícitas são "ilegais" ou impraticáveis, e a juventude menospreza os

papéis comunitários civis ou religiosos ditados pela tradição.

Especialmente entre os jovens, a ruptura das relações organizadas, consistentes e tradicionais ocasionada pelas pressões externas, resultou na redução da capacidade de encontrar e manter uma posição de integridade e centralidade psicológica. Solidão, ansiedade, frustração, tensão permanente e, às vezes, desesperança, caracterizam a vida de muitos índios jovens hoje em dia.

Como consequência, o alcoolismo e o abuso da bebida alcoólica surgem desenfreadamente nas comunidades indígenas, passando a representar um dos principais problemas de saúde. Na falta de dados estatísticos brasileiros, exemplificaremos com dados de pesquisas realizadas entre os nativos do Alaska: 60% dos óbitos são devidos ao alcoolismo; 25% dos óbitos por cirrose hepática; 43% dos suicídios; 38% dos homicídios; 42% das prisões por homicídio; 44% das prisões por violência, nas estatísticas de âmbito nacional. Além disso, os nativos do Alaska representam 67% da clientela dos programas oficiais de combate ao alcoolismo.

Temos sérias razões para acreditar que a situação do índio brasileiro está se encaminhando a largos passos para uma realidade semelhante. Os esforços no sentido de minimizar a incidência do alcoolismo entre os índios devem incluir um conhecimento maior sobre eles, sua cultura e suas perspectivas de vida, em programas de prevenção primária especificamente adaptados. Esses programas devem colocar ênfase na clarificação de valores, procurando desenvolver uma auto-imagem clara e definida, capacidade de auto-determinação e interação social, educação sobre o alcoolismo, e treinamento efetivo dos pais e da comunidade.

IV - Programas de educação preventiva para o álcool

Vários países, principalmente os EEUU, possuem programas de educação para o álcool, dos quais a maior parte se destina às populações jovens e são desenvolvidos nas escolas. Um número menor de programas destinados às populações jovens são desenvolvidos nas comunida-

des. Os programas são de três tipos:

1. informativos e específicos para o álcool
2. não específicos para o álcool e dirigidos para o desenvolvimento pessoal e a educação para a saúde
3. tanto cognitivos como afetivos

Os métodos que caracterizam a forma combinada cognitiva e afetiva incluem a clarificação de valores, tomada de decisões, treinamento de jovens para serem líderes e instrutores, e treinamento de professores - esses dois últimos visam a continuidade dos programas nas comunidades.

• Utiliza-se técnicas de clarificação de valores e tomada de decisões para ajudar os jovens a explorar seus sentimentos, atitudes e valores em relação ao álcool. Os programas combinados se baseiam no princípio de que as atitudes e os sentimentos são tão importantes quanto os níveis de conhecimento na determinação do comportamento frente à bebida. Sua meta principal é facilitar o uso ou não uso responsável do álcool.

Os programas informativos visam apresentar fatos sobre o álcool, sendo de menor duração do que os outros programas. Já os programas que abordam educação para a saúde incluem pouca ou nenhuma informação ou discussão sobre o álcool. Eles se baseiam no pressuposto de que as crianças que atingiram um nível bom de ajustamento pessoal têm menor probabilidade de ingerir álcool ou de desenvolver problemas alcoólicos. Portanto, o seu objetivo é facilitar o desenvolvimento pessoal.

Certos países têm se preocupado em desenvolver programas de educação para o álcool junto a populações jovens especiais consideradas em situação de risco para desenvolver problemas alcoólicos, sendo o seu objetivo minimizar esse risco. Os grupos a que esses programas se destinam são geralmente filhos de alcoolistas, jovens oriundos de minorias desfavorecidas, marginais, delinquentes, e outros tipos de jovens perturbados.

Uma categoria final de programas inclui os destinados a adultos que interagem com jovens. Esses programas tendem a basear-se

na comunidade ou têm como meta treinar adultos para implantar programas comunitários. Eles ajudam famílias, pais, professores, e outros membros da comunidade. Seu objetivo é influenciar indiretamente a juventude através da educação de líderes adultos, professores, oferecendo modelos de desempenho de papéis em relação ao álcool.

X V - Programas de educação preventiva para o álcool em comunidades indígenas. A importância do educador como agente intercultural

Para a juventude de grupos étnicos minoritários e marginalizados como os indígenas, a discriminação, a pobreza, e os fatores culturais contribuem para maximizar o risco de desenvolverem problemas relacionados com a ingestão de bebida alcoólica.

Um programa destinado a diminuir tal risco deve partir da premissa de que é necessária uma interferência precoce, e que a clarificação de valores e a promoção da auto-estima são as abordagens mais promissoras para a prevenção de problemas com o álcool, e que as crianças aprendem melhor fazendo. Os objetivos desse tipo de programa devem visar mudanças positivas nas atitudes e comportamentos em relação ao álcool através de informações, clarificação de valores, atividades alternativas, e desenvolvimento de auto-conceito positivo. Seja o programa direto e didático, ou indireto e assistemático, é importante que inclua elementos tradicionais da cultura do grupo.

A clarificação de valores como prática educativa implica em que o conteúdo do ensino leve em conta a experiência cultural do educando e, nas escolas indígenas isso significa a inclusão do que foi tradicionalmente aprendido, dando valor aos costumes e instituições do grupo, em vez de omiti-las ou depreciá-las. Equilibrar na personalidade da criança índia o sistema de valores etnocêntricos que derivam de sua natureza com os valores da sociedade nacional que são exigidos pela sua cidadania é o desafio da educação indígena democrática. Entretanto, sabemos que é perfeitamente compatível a lealdade ao próprio grupo com a lealdade ao grupo maior que compõe a nação quando o ensino proporciona a ampli-

ação do eu para a compreensão da situação intercultural.

O significado e a importância das idéias e práticas tradicionais, o respeito à própria cultura, o conhecimento e o orgulho de suas origens, bem como a consciência dos obstáculos e discriminações que o índio sofrerá como cidadão, são facetas transcendentais do conteúdo do ensino.

Do educador em escola indígena depende o aspecto preventivo de um programa de educação para o álcool - a auto-imagem positiva ou negativa que as crianças índias desenvolvem sobre a sua identidade indígena vai depender da criatividade do professor em manipular concretamente elementos tradicionais e modificados da cultura do grupo que permitam estabelecer vínculos de transição para a situação intercultural sem perda da identidade grupal.

A escola indígena, como agência de situações ensino/aprendizagem, não pode e não deve se limitar a ministrar o ensino formal que reflete a ideologia e os valores da sociedade maior. Deve, isto sim, reaviventar antigos valores e costumes, mesmo dando-lhes novas funções, para que se possa estabelecer uma "troca" dinâmica entre o grupo indígena e a sociedade envolvente, e não apenas a assimilação passiva, pelo índio, dos valores da sociedade nacional.

O que importa que o arco e a flecha tenham perdido a sua função como técnica de caça e pesca para a subsistência? Muitos grupos indígenas não têm mais caça e pesca em suas terras - mas a habilidade de confeccionar arcos e flechas não se perdeu, nem a destreza no seu manejo. Essa habilidade e destreza são elementos culturais que podem ser explorados na situação ensino/aprendizagem para a elaboração de uma auto-imagem positiva. A prática com o arco e flecha poderia, por exemplo, constituir uma atividade esportiva proposta pela escola indígena, estimulando, inclusive, competições e torneios internos e externos ao grupo.

Entretanto, a clarificação de valores não se restringe à mera utilização de artifícios para desenvolver auto-estima e auto-ima-

gem positivas. A consciência da identidade tribal perde o seu sentido se não for estabelecida levando em consideração a situação intercultural do grupo indígena. É necessário que se promovam trocas culturais com a sociedade envolvente, através da divulgação e da participação conjunta em situações que favoreçam essa troca cultural em termos igualitários.

VI - Listagem de técnicas e atividades que podem ser desenvolvidas em um programa para o álcool, nas escolas indígenas

As técnicas e atividades abaixo relacionadas não esgotam as possibilidades de abordagem do problema do álcool, nem da clarificação de valores e da tomada de decisão quanto ao comportamento adotado face ao uso ou não do álcool.

Alertamos que é imprescindível que a comunidade - em especial as lideranças do grupo - tenham conhecimento das atividades em torno do programa para o álcool desenvolvido nas escolas, dando efetivo apoio e colaboração ao trabalho desenvolvido, bem como participando do seu planejamento.

E, finalmente, a utilização e ampliação das sugestões aqui apresentadas dependerá da criatividade do professor em aproveitar situações e experiências concretas do cotidiano da vida comunitária do grupo.

- Informações sobre a natureza e os efeitos do álcool, estimulando o debate, as perguntas e as respostas;
- Apresentação de fatos sobre o álcool e seu uso, estimulando os alunos para o julgamento próprio;
- Mini-unidades de ensino com duração de poucos dias;
- Promoções (p.ex., Semana de conscientização sobre o uso do álcool)
- Trabalhos de grupo;
- Desempenho de papéis, estudo de caso, dramatização;
- Jogos, exercícios, debate dirigido;
- Drama
- Teatro de bonecos com a participação dos alunos

- Elaboração de textos com espaços em branco para ilustrações e desenhos relacionados com o assunto, para facilitar a participação ativa da criança;
- Reavivitação de elementos da cultura do grupo;
- Registro da cultura, através da pesquisa participante e observação, realizadas pelas crianças;
- Jogos;
- Manipulação dos elementos culturais;
- Atividades extra-classes;
- Promoção de atividades de lazer e recreação

No caso específico das crianças oriundas de família alcoollista, sugere-se especial atenção e dedicação por parte dos professores e das lideranças indígenas. Pode-se, eventualmente, agrupá-las por idade em torno de uma atividade específica extra-classe que auxilie na diminuição da ansiedade de que essas crianças certamente são portadoras.

Finalmente, a escola pode ainda ser o centro irradiador de atividades alternativas para toda a comunidade, oferecendo formas de lazer e recreação que contribuirão para a canalização das tensões originadas pela situação de ambivalência que caracteriza a maior parte das populações indígenas.

VII - Avaliação clínica individual do alcoolista índio

O papel do professor o coloca, muitas vezes, em contato com os pais e a família dos seus alunos. O rendimento escolar da criança pode ser afetado por problemas alcoólicos de algum membro da família. Se o professor souber avaliar a intensidade desses problemas na pessoa em questão, terá uma idéia bastante aproximada do grau de interferência que os mesmos podem estar tendo sobre o processo ensino/aprendizagem do seu aluno. Nesse sentido, procuramos adaptar uma ficha de avaliação clínica utilizada pela SSMA do R.G.Sul que, sem grande sofisticação permite avaliar a evolução da doença do alcoolismo. A adaptação que efetuamos constituiu na adequação dos indicadores à realidade conhecida do índio Kaingãng, e na inclusão da variável "comunidade".

O professor, ao se informar sobre as condições atuais das cinco variáveis (padrão de ingestão, trabalho, família, comunidade e saúde) na vida dos familiares, e através do cotejo obtido nos valores correspondentes a cada indicador, terá condições não só de compreender o que se passa com o aluno em questão como, também, tomar uma atitude efetiva de ajuda ao familiar doente. (Vide ficha de avaliação anexa)

CONCLUSÃO

As populações indígenas continuam empenhadas na busca de sua identidade e no restabelecimento do seu orgulho; ao mesmo tempo, estão sendo impulsionadas na direção de um período iminente de transição desordenada. Esses problemas, acrescidos aos níveis de saúde muito baixos, à pobreza e outras dificuldades, contribuem para que os índios sejam mais propensos ao uso destrutivo do álcool. Esses problemas sociais necessitam ser compreendidos e combatidos para que se possa alcançar algum progresso substancial na mudança de seus padrões de ingestão de bebida alcoólica.

Alguns pontos devem ser levados em consideração em qualquer proposta que venha a ser feita e que vise o tratamento do alcoolismo em comunidades indígenas:

1. Qualquer programa a ser implantado vai se defrontar com o bebedor índio muito depois de a bebida já se ter transformado em problema grave no seu grupo. Portanto, muito pouca ou nenhuma prevenção chegou a ser feita. A prevenção pode assumir diferentes formas, tais como oferecer alternativas para os padrões de ingestão de bebidas alcoólicas através da estimulação de projetos comunitários que enfatizem as oportunidades recreativas, programas de herança cultural, e programas de trabalho; mas esses precisam ser modelados aos aspectos culturais da comunidade. É preciso não esquecer que existem centenas de tribos indígenas, e muito maior número de comunidades indígenas - portanto, cada comunidade deve gozar do direito de ditar suas carências específicas.

2. Muitos meios de tratamento refletem os programas da sociedade predom-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

FICHA DE AVALIAÇÃO CLÍNICA INDIVIDUAL DE ALCOOLISTA ÍNDIO

PADRÃO DE INGESTÃO (últimos seis me- ses)	Abstinência	3
	Ingestão esporádica (1 p/mês) sem embriaguez e sem problemas	2
	Ingestão freqüente sem embriaguez e sem problemas	1
	Ingestão esporádica c/embriaguez ou c/problemas	0
TRABALHO	Ingestão freqüente c/embriaguez e com problemas	0
	Empregado, em atividade regular	
	Agricultor, em atividade regular, com roça suficiente para a família	3
	Em atividade, sem roça suficiente; complementa recursos trabalhando de peão ou c/artesanato	
	Em atividade, só trabalha de peão ou c/artesanato	2
	Inativo temporário, c/direitos trabalhistas	
	Empregado c/faltas ao serviço ou ameaça de perda de emprego	
FAMÍLIA	Aposentado por invalidez ou doença	
	Pensão por viuvez é única fonte de renda	1
	Inválido ou doente, sem fonte de renda	0
	Bons vínculos familiares	3
FAMÍLIA	Vínculos familiares perturbados; inversão de papéis desempenhados na família, agressões verbais, ciúme intenso, impotência sexual	2
	Dificuldades prover a subsistência da família	
	Vínculos familiares muito perturbados: violência, agressões físicas, promiscuidade sexual	1
COMUNIDADE	Ausência de vínculos familiares: abandono da família, sem residência fixa	0
	Bons vínculos comunitários, participação, disponibilidade respeito às leis tribais	3
	Vínculos comunitários perturbados: provoca brigas, agressões verbais, dificuldade de relacionamento, perturba a ordem, pouca participação, punições eventuais, desacato às autoridades indígenas	2
	Vínculos comunitários muito perturbados: agressões físicas, participação negativa, punições freqüentes, desobediência às normas tribais, transferido	1
	Ausência de vínculos comunitários: agressões sexuais, atentados de morte, marginalizado, alienado, várias transferências e punições severas	0
SAÚDE	Sem problemas de saúde (com boa avaliação médica)	3
	Com problemas físicos não decorrentes nem associados ao uso do álcool	2
	Teve problemas decorrentes do uso do álcool já resolvidos	
	Com problemas físicos decorrentes do uso do álcool em tratamento	1
	Problemas decorrentes do álcool ainda sem tratamento	0
	Complicações médicas irreversíveis decorrentes do uso do álcool	

BIBLIOGRAFIA

BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. Teoría y práctica de la educación indígena. La Imprensa Azteca, México, 1973.

BERTOLETE, José Manoel. Abuso y dependencia de sustancias - Alcoolismo. Artigo inédito para o Tratado de Psiquiatria da Organização Pan-Americana da Saúde. No prelo.

HEWITT, Linda E. Current status of alcohol education programs for youth. University of Pittsburgh, 1983

LEWIS, Ronald G. Alcoholism and the native american - a review of the literature. University of Wisconsin, Milwaukee, 1983

SCHAEFER, James M. Ethnic and racial variations in alcohol use and abuse. University of Minnesota, Minneapolis, 1983

WEIBEL, Joan Crofut. American indians, urbanization, and alcohol: a developing urban indian drinking ethos. Alcohol Research Center, Neuropsychiatric Institute, University of California, Los Angeles, 1983

- - - Curso de atualização em alcoolismo. Coordenado pelo Dr. Ernani Luz Júnior; Promoção Associação Brasileira de Combate ao Alcoolismo. Polígrafo. Porto Alegre, 1979

- - - Programa de Cuidados Primários em Alcoolismo. Serviço de Saúde Mental da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul. Polígrafo. 1983

- - - Curso de extensão universitária sobre Saúde Comunitária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983. Anotações.

* * * * *